

Texto destinado ao Parlamento Português:

O meu nome é Chris Green e sou Director da Campanha Whiter Ribbon (Fita Branca) no Reino Unido e membro do Grupo de Trabalho do Conselho da Europa envolvido na campanha em curso de combate à violência contra as mulheres.

Pude aperceber-me da seriedade com que este problema é tratado em Portugal ao constatar que, no dia 7 de Dezembro do ano passado, decorreu um debate especial na Assembleia da República Portuguesa sobre a Campanha do COE de combate à violência contra as mulheres, em que foi aprovada uma Declaração Solene que contou com o voto favorável de todos os deputados portugueses. As palavras do Dr. Mendes Bota nessa ocasião foram de que “Estamos perante uma guerra civil que tem vindo a alastrar, de forma quase silenciosa, por todo o país”

Uma criança perspicaz que habita um refúgio para mulheres espancadas disse “O problema deste problema é que causa ainda mais problemas e, depois, a primeira parte do problema fica escondida e as novas partes são aquelas com que toda a gente se preocupa depois, e aquilo que causou todo aquele problema em primeiro lugar acaba por ficar esquecido, como sempre.”

A criança falava de todos os problemas associados à violência doméstica e que afectam as crianças, ou seja, a solidão, a ruptura familiar, a mudança de casa, o mau comportamento na escola. Estes problemas ocultam o primeiro – o verdadeiro demónio da violência doméstica, que dá origem a todos os outros problemas.

Pediram-me que falasse acerca de alguns tipos de violência esquecidos, que nos passam por vezes ao lado, e eu resolvi abordar os Maus Tratos contra os Idosos e o Assédio, mas antes de me debruçar sobre estes temas, vamos analisar as suas ligações, e não vou penitenciar-me pelo facto de vos obrigar a pensar um pouco sobre a forma como se processa o Desenvolvimento dos Homens, a maneira como educamos e formamos os homens, e sobre a nossa cultura, como meio de garantirmos a erradicação deste crime contra os direitos humanos que é a violência doméstica. O Dr. Mendes Bota comparou a Violência Doméstica a uma Guerra Civil – e eu acrescentarei que ela também é uma actividade ilegal perpetrada por uma minoria de homens sobre a vida das mulheres.

O Professor Kevin D. Browne, da Universidade de Birmingham, fala-nos de Padrões Ofensivos de Violência Familiar e sugere que “Qualquer intervenção visando a resolução do problema da violência doméstica e dos maus tratos infantis deverá passar por uma análise holística das pessoas que fazem parte da família, dos seus problemas sociais e de saúde e das suas necessidades, bem como do responsável pela situação de brutalidade em que vivem.”

Outro conjunto de observações produzidas por uma das crianças a residir num refúgio mostra-nos qual o motivo por que, com base na experiência que viveram, essas crianças consideram que os homens se tornaram violentos. Os homens ficam violentos quando se zangam, quando os filhos correm pela casa, quando os filhos os incomodam com a sua presença, quando as mulheres saem à rua, quando as pessoas não lhes fazem coisas como servir uma chávena de café ou de chá ou fazer-lhes o

jantar, ou quando a casa está um bocadinho suja, como acontece, por exemplo, quando encontram um sapato ténis no chão.

Por isso, tal como referi atrás, irei voltar às formas de lidar com estes homens mais adiante na minha intervenção: fundamentalmente, a Igualdade de Género não existe sem os homens e os Homens precisam da Igualdade de Género

Maus Tratos contra Idosos

O Prof. Browne, da Universidade de Birmingham, estabelece uma ligação entre a violência perpetrada por adultos no seio da família e as situações de maus tratos e de negligência que afectam os idosos. Muitos adultos autores e vítimas de violência doméstica já experimentaram formas de violência familiar no passado, o que sugere que a presença da violência no meio familiar pode produzir um impacto subsequente em cada um dos membros dessa família. Os estudos realizados permitem-nos concluir que entre 30 a 60 por cento dos homens que espancaram as suas parceiras também maltratam os seus filhos.”

Existe uma ligação semelhante, embora menos definida, com os maus tratos contra os idosos.

46% dos perpetradores de maus tratos contra idosos têm uma relação de parentesco com a pessoa que maltratam, mas em apenas 1% dos casos correspondem à pessoa encarregada de cuidar deles - sendo que a pessoa que, por tradição, cuida dos idosos é uma mulher.

Outra semelhança com o nosso tema de partida reside na dimensão dos maus tratos – 500.000 pessoas idosas já sofreram maus tratos, em determinada fase da sua vida, e outra semelhança consiste no facto de esta situação ocorrer à porta fechada – 60% dos maus tratos são cometidos em casa.

Entre as diversas formas de maus tratos contra idosos incluem-se os maus tratos físicos, emocionais, de exploração e sexuais e a negligência, o mesmo tipo de maus tratos que encontramos enumerados nos documentos que abordam a violência doméstica.

As prioridades para acabar com os maus tratos enumeradas pela Charity Help the Aged (Ajuda de Caridade aos Idosos), do Reino Unido, incluem legislação capaz de facilitar a punição dos autores de maus tratos e uma melhor fiscalização e regulamentação das pessoas que prestam cuidados aos mais velhos, com o objectivo de apoiar e capacitar os idosos, sendo a maior prioridade: uma maior consciencialização da opinião pública em geral sobre estas questões, de modo a que as pessoas não desculpabilizem o comportamento violento dos outros.

O 15 de Junho, Dia Mundial da Consciencialização dos Maus Tratos contra os Idosos, ainda relativamente pouco conhecido, constitui uma tentativa para aumentar essa tomada de consciência.

A roda de Duluth Power and Control (Poder e Controlo Duluth) estabelece a ligação entre uma grande variedade de mecanismos de controlo usados e mostra os pontos

comuns entre todas as formas de comportamento caracterizado por maus tratos, e que por sua vez conduzem à violência

Assédio: “Uma constelação de comportamentos em que um indivíduo inflige a um outro repetidas e indesejáveis intromissões e formas de comunicação”

Há uma série de diferentes tipos de comportamento de assédio, o Assédio Sexual – em que existem sugestões sexuais implícitas ou explícitas – o roubo de objectos de uso pessoal, o Assédio Íntimo – a coberto de vigilância e investigação -, o Assédio Possessivo – comportamento controlador - e o Assédio Agressivo-Destrutivo e Humilhante – com possível comportamento violento.

O assédio via Internet está a aumentar muito rapidamente e 83% das vítimas são mulheres.

Mais especificamente, este tipo de comportamento inclui chamadas telefónicas, cartas e presentes indesejáveis; violação de ordens de restrição; observação, roubo de correspondência, chamadas indesejáveis, perseguição e visitas não desejáveis.

Um relatório da autoria do Professor Canter, da Universidade de Liverpool, concluiu que, no Reino Unido, uma em cada seis mulheres sofre de assédio. As vítimas típicas são mulheres com uma profissão, na casa dos 40 anos, e 94% das vítimas são forçadas a fazer grandes alterações no seu estilo de vida, enquanto 45% desses episódios incluem o recurso à violência.

O British Crime Survey (Observatório Britânico do Crime) debruçou-se sobre as pessoas que sofrem formas agravadas de assédio, limitando-se a casos em que o assédio foi acompanhado de formas adicionais de violência para com a vítima, como por exemplo, a tentativa de manter contacto físico, cercar ou agarrar, a ameaça de recurso à violência sobre a pessoa, a concretização da violência por qualquer forma, ou a prática de sexo compulsivo ou a tentativa de praticar sexo não consentido. Neste caso, 37% das ocorrências foram perpetradas por um parceiro íntimo, actual ou antigo, e 59% por outra pessoa conhecida da vítima.

Os custos e consequências do assédio são enormes: uma percentagem elevada de vítimas de assédio desenvolve medos e preocupações relacionados com a sua segurança. Um terço das vítimas do sexo feminino e um quinto das do sexo masculino procuraram aconselhamento profissional.

As vítimas ausentaram-se do local de trabalho 11 dias, em média. 7% nunca regressaram ao trabalho

Existe uma forte ligação entre o assédio e o aparecimento de outras formas de violência no âmbito das relações afectivas. Estatísticas nacionais dos EUA, fornecidas pela linha SOS Assédio da Virgínia Ocidental, mostram que 81% das mulheres assediadas por um parceiro actual ou antigo, também foram fisicamente agredidas por esse mesmo parceiro. 31% dessas mulheres também foram vítimas de agressão sexual por parte desse parceiro.

Quando pensamos nas formas de prevenção do assédio, o nosso conselho é para que a vítima faça uma participação à polícia, conserve um registo circunstancial dos episódios de assédio e solicite medidas de protecção judicial. Em 2002, foram emitidas no Reino Unido aproximadamente 7.000 ordens de protecção judicial a coberto da Protecção contra Molestadores, o que pode implicar uma pena de 6 meses de prisão ou o pagamento de pesadas multas.

Se o principal objectivo é libertar as vítimas do fardo de serem assediadas, é fundamental que se tenham em consideração acções destinadas a alterar a cultura vigente e a mostrar que nós, enquanto sociedade, não toleramos nem desculpabilizamos o comportamento dos homens que agem dessa forma,

nem os homens que envergam t-shirts com os dizeres: "Se não conseguires convencê-la à primeira, oferece-lhe mais um copo."

15.000 destas t-shirts foram vendidas por uma grande cadeia de supermercados, na sua secção de artigos divertidos, antes de surgirem pressões promovidas pelo Centro de Crise da Violação, de Glasgow, que forçou a sua retirada do mercado.

Os homens da Campanha Fita Branca envolveram-se nesta campanha e eu passarei, agora, a fazer uma breve análise de algumas das outras maneiras que utilizámos para lançar este processo.

Os homens envolver-se-ão nestas campanhas se lhes mostrarem os Benefícios Relacionais que daí poderão retirar: sugerindo-lhes, por exemplo, que as suas próprias Mães, Irmãs e Filhas poderão ser as próximas vítimas. Quando está em jogo o meu interesse pessoal, o meu bem-estar individual melhora se eu viver numa sociedade mais segura e menos violenta. Ao demonstrar o interesse colectivo que existe na eliminação da violência – Os Custos da Desigualdade de Género e da Violência são enormes. O Custo Total da Violência contra as mulheres no Reino Unido foi estimado por Sylvia Walby em cerca de 23 mil milhões de libras anuais, e finalmente, temos a questão de princípio – a violência não está certa e não é justa - convidamos os homens a integrarem esta campanha e a envergarem uma fita branca especificamente no dia 25 de Novembro, que é o Dia Internacional para a Erradicação da Violência Contra as Mulheres.

Assim como desafiamos os homens a assumirem o compromisso de “Nunca Cometer, Desculpabilizar ou Silenciar a Violência contra as Mulheres” a Campanha da Fita Branca também envolve um trabalho de campanha político junto das autoridades locais e procura difundir esta nossa mensagem através dos *media*.

O nosso alvo principal são os estudantes e os jovens, pelos motivos que se seguem:

As jovens são um grupo de alto risco no que respeita às experiências afectivas violentas

A maior percentagem de agressores sexuais são homens na faixa dos 21-25 anos

A adolescência e a juventude são fases cruciais para a erradicação de sentimentos de ruptura negativos, antes que estes se enraizem

Trata-se de uma oportunidade de quebrarmos o ciclo de violência intergeracional

Só formalizámos a nossa organização em finais de 2005, mas conseguimos logo muita coisa nesse mesmo ano. Vendemos 40.000 fitas, beneficiámos da cobertura dos *media*, realizámos algumas acções de campanha e recebemos alguns financiamentos por parte de organismos desportivos e de equipas de futebol como o Liverpool.

Como tal, foi para mim um choque ouvir, na Conferência realizada no Verão de 2006, alguém perguntar, da plateia inferior, “Por que não fazem vocês mais?”

Para uma Organização Não-Governamental que não recebe qualquer financiamento público, isto soa a uma crítica, mas o que o autor da pergunta pretendia dizer – espero – é que nós estávamos a fazer um bom trabalho, mas precisávamos de ir mais longe e procurar ter um maior impacto junto da opinião pública.

Mesmo munidos das nossas melhores intenções, presentemente, não estaríamos a chegar, individualmente, a mais de 1% dos homens do Reino Unido, e por isso decidimos alargar os nossos esforços de forma massiva e, por outro lado, trabalhar junto dos ícones culturais, que iriam fazer passar a nossa mensagem através daquilo que dizem e da forma como se comportam:

“Envergar a Fita Branca é como ser, hoje em dia, capitão de equipa, e à semelhança de um bom capitão, este envolvimento equivale ao respeito pelos mais importantes valores da vida. Quando joga, a violência de um jogador prejudica toda a equipa, e como tal, também na nossa vida diária, ignorar a violência quando sabemos que ela existe acaba por lesar toda a sociedade. Assim, decidimos vir aqui apoiar abertamente, convosco, a Campanha da Fita Branca – os homens contra a violência.” Palavras de Paolo Maldini, capitão da selecção de Itália

A Campanha no Desporto vai muito bem, e quer as equipas profissionais quer as equipas amadoras têm participado activamente em acções de campanha. Entre os participantes, incluíram-se quatro clubes da Primeira Liga e dez outras equipas profissionais e muitas equipas de futebol amador, e é nossa intenção alargar a campanha a outros clubes e a outras modalidades desportivas.

Consideramos de vital importância manter uma mensagem positiva e abrangente, e para chegar aos jovens, teremos de alargar a nossa campanha à indústria da Música em 2007.

O envolvimento de músicos no apoio à nossa campanha poderá trazer-nos uma dupla vantagem e fazer aumentar os fundos de ajuda masculina às actividades do movimento das mulheres.

Em 2007, distribuiremos 250.000 fitas e cartões, e levaremos a cabo acções de campanha dedicados a uma série de temas. Nos últimos meses, trabalhámos conjuntamente com sete organizações nacionais de mulheres, incluindo a UNIFEM, a

Associação Nacional das Organizações de Mulheres e a Crise da Violação de Glasgow.

Acredito que estamos prestes a conseguir quebrar barreiras na cultura masculina dominante, que durante tanto tempo desculpabilizou, em silêncio, toda a espécie de violências praticadas contra as mulheres.

"A violência doméstica é um cancro na sociedade portuguesa, que deixa marcas à superfície da pele, mas também cicatrizes profundas na alma, daquelas que nunca saram, daquelas que nunca fecham, daquelas que nunca passam nem serão esquecidas", disse o Dr. Mendes Bota

Sei que, como políticos, vieram para o mundo da política para mudarem as coisas para melhor, e aqui têm uma oportunidade de proceder a mudanças, de alterarem as leis, mas também o exemplo que transmitem nas vossas vidas, para assim garantirem a erradicação deste cancro que é a violência doméstica.

Obrigado pela vossa atenção.